

CAMINHOS DE FUTURO

NOVOS MAPAS PARA AS
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS



18 > 21 Junho 2008

* Colóquio Internacional

Teatro Académico Gil Vicente
Auditório da Faculdade Direito
Auditório da Reitoria Universidade de Coimbra

SESSÃO I. As Ciências Sociais e as Ciências Humanas: Complementaridade Necessária?

19 de Junho, 11h00-13h00

Este painel propõe-se discutir os vários processos de fragmentação a que temos assistido nas diversas áreas das CSH e as novas reconfigurações do saber que têm vindo a emergir. Se, por um lado, estas nos abrem perspectivas mais amplas de análise e interpretação da realidade (a partir das várias áreas do saber e de diferentes lugares de enunciação), também nos criam, por vezes, alguma angústia de reconhecimento em relação ao cânone das grandes narrativas disciplinares a que o saber institucionalizado nos habituou. De que modos, com que instrumentos, e com que benefícios e riscos se passa da interdisciplinaridade à transdisciplinaridade ou mesmo à indisciplinaridade?

No panorama científico nacional, o Centro de Estudos Sociais é das poucas instituições onde uma forte investigação no âmbito das Ciências Sociais se tem combinado com uma investigação igualmente forte no âmbito das Humanidades. Esta interligação reflexiva, que se foi construindo ao longo dos últimos trinta anos, proporcionou o desenvolvimento de linhas de pensamento inovadoras na análise dos fenómenos sociais, políticos e artísticos, de que resultaram muitas publicações colectivas, e tornou possível, mais recentemente, a abertura de programas de doutoramento transdisciplinares em áreas tradicionalmente apresentadas como pertencendo às humanidades (Interculturalidade e Pós-colonialismo), à sociologia e à economia (Democracia para o Século XXI, Governação, Conhecimento e Inovação), ou ainda à ciência política e ao direito (Direito, Justiça e Cidadania no Século XXI). Torna-se agora necessário levar esta interligação reflexiva ao patamar seguinte: o da intraligação, ou seja, o da construção de novas constelações de saber, nas quais as marcas disciplinares sejam profundamente transformadas, se não mesmo abolidas. Pensamos que, no futuro, será neste patamar que, de um modo mais produtivo, se discutirá a questão da complementaridade necessária entre as ciências sociais e humanas.

Marilena Chauí | *A virtú contra a fortuna e a resignação*

No final da primeira metade do Século XX, erguendo-se contra o cientificismo positivista e o intelectualismo das filosofias da subjetividade, Maurice Merleau-Ponty escreveu uma *Fenomenologia da Percepção*, título significativo em si mesmo, uma vez que contraposto à *Fenomenologia do Espírito* de Hegel.

Nessa obra, Merleau-Ponty considerava que dois erros rivais - empirismo positivista e idealismo reflexivo - eram obstáculos a um diálogo efetivo entre a filosofia e a ciência, a primeira acreditando dominar o real pelas idéias, a segunda imaginando agarrá-lo pelos fatos. Assim, a fenomenologia da percepção propunha "uma concepção alargada da razão", uma filosofia fundada no corpo cognoscente como "sensível exemplar" porque sensível para si mesmo, de cuja sensibilidade e motricidade nascem o espaço, o tempo, o desejo, a linguagem e o pensamento. A fenomenologia da percepção recusava a cisão entre a consciência e o mundo, desfazendo a arrogância filosófica da Subjetividade Pura e o privilégio cientificista da Objetividade Pura.

Hoje, enfrentamos dois fenómenos, no campo do conhecimento: de um lado, o risco de um novo positivismo cientificista, trazido pelo prestígio da neurobiologia, que pode nos levar de volta ao

reducionismo objetivista da atividade psíquica, cognitiva e afetiva; de outro, a perda da profundidade do espaço e do tempo, ou a atopia e a acronia, isto é, a fragmentação e dispersão espacial e temporal e sua reunificação abstrata sob os efeitos das tecnologias eletrônicas e de informação, que produzem a compressão do espaço - tudo se passa aqui, sem distâncias, diferenças nem fronteiras - e a compressão do tempo - tudo se passa agora, sem passado e sem futuro. A profundidade do tempo e seu poder diferenciador (sua inquietude imanente, como dissera Merleau-Ponty) desaparecem sob o poder do instantâneo. A profundidade de campo, que define o espaço topológico, desaparece sob o poder de uma localidade sem lugar e das tecnologias de sobrevôo. Vivemos sob o signo da telepresença e da teleobservação, em que tudo parece nos ser imediatamente dado sob a forma da transparência temporal e espacial das imagens, apresentadas como evidências.

Podemos, então, indagar: não seria este o momento oportuno para que as humanidades proponham uma nova fenomenologia da percepção e uma nova meditação sobre as relações entre filosofia e ciência?

Do ponto de vista sócio-político, a nova forma do capital opera pelo encolhimento do espaço público dos direitos e pelo alargamento da esfera privada dos interesses, instaurando em escala planetária a divisão sócio-econômica entre bolsões de riqueza e abundância jamais vistas e bolsões de miséria num nível jamais visto. A desigualdade, a injustiça, a exclusão e a violência parecem ter atingido o ponto máximo de não retorno. Vivemos, et pour cause, o regresso dos fundamentalismos religiosos, pois o imaginário religioso contrapõe à fragmentação do espaço a idéia de espaço sagrado ou terra santa, e à fugacidade do tempo, a idéia de tempo sagrado ou de guerra santa. Sob o impacto da derrocada do totalitarismo soviético, sob os efeitos da globalização da economia e sob o signo da pós-modernidade e da desaparecimento da metafísica do progresso, hoje se fala no fechamento do horizonte histórico e na desaparecimento da idéia e do desejo do possível. Em seu lugar, a filosofia e as artes (particularmente a literatura e o cinema) puseram em movimento as distopias da catástrofe, do medo e da inevitabilidade da sociedade da vigilância e do controle.

Podemos então indagar: não seria este o momento oportuno para as humanidades recuperarem sua força crítica e não temerem resgatar o discurso utópico, não como um programa de ação (pois uma utopia não é um programa político), mas como um projeto histórico?

A ética e a política são impossíveis se considerarmos que tudo é necessário ou que tudo é contingente. Contra esse dualismo rival da necessidade e da contingência precisamos erguer a idéia do possível: o possível não é o provável e nem o não-impossível e sim o poder de nossa liberdade para dar a uma situação de fato (necessária ou contingente) um sentido novo que ela só adquire por nossa ação, quando não nos contentamos com a mera reação indignada ou compassiva perante o mal. A liberdade é esse poder para transcender o presente numa significação nova que o transforma em porvir.

Merleau-Ponty escreveu certa vez que o mal não está em nós nem fora de nós, nas coisas e nos outros, e sim nos laços que tecemos entre nós e os outros e que nos sufocam. A isto, dizia ele, não devemos contrapor o sofrimento e a compaixão, mas afirmar a virtú sem nenhuma resignação.

Indaguemos: onde se encontra, hoje, a virtú das humanidades?

Graça Capinha | *Puzzles e Móbiles*

Esta apresentação preocupar-se-á sobretudo com os modos de produção e circulação dos discursos do conhecimento, neste que é o nosso paradigma de modernidade, para se centrar na forma como o discurso poético e/ou da arte (tomados no seu sentido etimológico, *poiein* e *ars*) tem sido marginalizado enquanto espaço de saber.

Avaliar as razões pelas quais as hierarquias dos discursos levaram à perda da função social da poesia e do poeta - função primeva de toda a arte - e abordar o espaço de resistência que foi o Modernismo do início do século XX, sobretudo na sua vertente Romântica, serão pontos de partida para procurar re-ver as construções mitopoéticas da própria ciência moderna e para tentar, simultaneamente, propor um modelo dinâmico e espacial, de linguagem e de saber, ancorado nessa "outra tradição" que passa por Homero, Dante, Shakespeare, Mallarmé, Joyce ou Stein.

Alguns poetas norte-americanos, resistindo ao emergir do imperialismo norte-americano na década de 50 - um imperialismo sustentado pelo poder científico e tecnológico ao serviço do poder instituído - conjugam toda essa tradição, de que se sentem herdeiros, e, recuperando o ideal democrático de Whitman, vêm propor uma nova/velha forma de conhecimento que só pode expressar-se numa linguagem aberta, numa poética entendida como prática de cidadania - em processo (de criação e/ou de conhecimento).

Esse é o "pós"-modernismo ultra-modernista que nos continua a desafiar enquanto possibilidade de ruptura epistemológica.

Sobre os Participantes

Moderadora:

Isabel Caldeira é Professora Associada no Grupo de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras de Coimbra e Investigadora do CES. Ex-Presidente da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, continua a ser a sua representante na Direcção da European Association for American Studies. As suas áreas de interesse e investigação são a Americanística, a Afro-Americanística e os Estudos Culturais Comparados, com especial incidência nas literaturas da diáspora africana. Entre as suas publicações, há a referir a co-autoria do *Manual de Literatura Americana*, Universidade Aberta, Lisboa, 1999 e a organização do livro *Novas Histórias Literárias/New Literary Histories*, Coimbra, 2004.

Conferencistas:

Marilena Chauí é Professora Catedrática de Filosofia Política e História da Filosofia Moderna da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Entre outros livros, escreveu *Nervura do Real. Imanência e Liberdade Em Espinosa*. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 e *Cultura e democracia. O discurso competente e outras falas. Nova edição revista e ampliada*, São Paulo: Editora Cortez, 2006.

Graça Capinha é Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Investigadora do Centro de Estudos Sociais onde integra o Núcleo de Estudos Culturais Comparados e dirige a Oficina de Poesia. É ainda coordenadora do projecto colectivo "Novas Poéticas de Resistência: o século XXI em Portugal" (FCT). As suas áreas de interesse e investigação são a Americanística, Identidades, Poesia da Emigração, Poética e Poesia Contemporâneas, Políticas da língua(gem), Sociologia da Cultura e da Literatura. Um dos seus artigos mais recentes é "Robert Duncan and the Question of Law: Ernst Kantorowicz and the Poet's Two Bodies", in Albert Gelpi & Robert Bertholf (eds.). *The Poetry of Politics, the Politics of Poetry* (Palo Alto: Stanford University Press, 2006).

Comentadores:

Miguel Vale de Almeida é Professor no Departamento de Antropologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE). Tem feito pesquisa sobre género, sexualidade e raça, com trabalho de campo em Portugal, Espanha e Brasil. É director da *Revista Etnográfica*, publicação do Centro de Estudos de Antropologia Social e autor, entre outros títulos, de *Um Mar da Cor da Terra - Raça, Cultura e Política de Identidade*, Oeiras: Celta, 2000 e de *Outros Destinos. Ensaios de Antropologia e Cidadania*, Campo das Letras, 2004.

Vítor Neves é Professor Auxiliar da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Investigador do Centro de Estudos Sociais, onde integra o Núcleo de Estudos sobre Governação e Instituições da Economia. Os seus actuais interesses englobam os sistemas abertos e as conexões sociais da economia, o "económico" e a isolação interdisciplinar da Economia. É autor, entre outros artigos, de "Situational analysis beyond 'single-exit' modelling", *Cambridge Journal of Economics*, 6, (2004), 921-936.